



SEÇÃO 4 DOSSIÊ AUTORAS AMAZÔNIDAS RCGA/ UFPA – Narrativas e práticas de saberes tradicionais de mulheres/ Seção mães do Axé

Por Alanna S. Cardoso Tupinambá (IPPCS) & Tainá Façanha (UEPA).

Nota Metodológica sobre Transcrição em História Oral

O trabalho de transcrição em História Oral não se reduz apenas à mera passagem *Ipsis litteris* da fala para a escrita. Ele constitui um processo de mediação, no qual a oralidade é traduzida em texto de modo a preservar o conteúdo, o estilo narrativo e a subjetividade das narradoras, ao mesmo tempo em que se busca adequar a forma para fins de leitura e publicação (THOMPSON, 1992; PORTELLI, 1996; MEIHY; HOLANDA, 2015).

No presente trabalho, as entrevistas foram transcritas de forma fiel às estruturas narrativas das entrevistadas, respeitando pausas, ênfases e modos próprios de narrar. Entretanto, visando maior clareza e fluidez textual, adotaram-se os seguintes procedimentos:

- 1. Organização da narrativa** – os relatos foram ordenados em sequência de acontecimentos ou blocos temáticos, de modo a favorecer a leitura sem modificar o sentido original.
- 2. Exclusão de muletas discursivas¹** – expressões de apoio conversacional, como “né?” e “não é?”, foram suprimidas por não acrescentarem conteúdo à narrativa, mas sem comprometer a autenticidade da fala.
- 3. Preservação da voz e da subjetividade** – evitou-se qualquer reescrita interpretativa. As escolhas linguísticas, estilísticas e emocionais das narradoras foram mantidas, assegurando a legitimidade da oralidade convertida em texto.

Esse procedimento metodológico dialoga com Thompson (1992), ao defender que a transcrição deve preservar a voz da memória; com Portelli (1996), ao indicar que a História Oral envolve narração, interpretação e significado, e não apenas registro; e com Meihy e Holanda (2015), que destacam a importância da transcrição crítica como instrumento de equilíbrio entre fidelidade e legibilidade.

REFERÊNCIAS

- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

¹ Conforme ressaltam Meihy e Holanda (2015, p. 135), a transcrição crítica deve buscar um equilíbrio entre fidelidade e legibilidade, permitindo a exclusão de repetições e vícios de linguagem que não alteram o conteúdo da narrativa. Nesse mesmo sentido, Thompson (1992, p. 292-293) destaca que a transcrição deve preservar a voz da memória, mas tornar o texto acessível ao leitor. Portelli (1996, p. 60-61) complementa ao afirmar que a passagem da oralidade para o escrito é sempre uma operação interpretativa.

